

**TRABALHO, TRABALHADORES E A EXPERIÊNCIA OPERÁRIA: O
TRABALHO PRECÁRIO NAS FÁBRICAS DE ALIMENTOS DO
EXTREMO OESTE PARANAENSE (2005-2010)**

**WORK, WORKERS AND THE WORKING EXPERIENCE:
PRECARIOUS WORK IN FOOD FACTORIES IN THE FAR EAST OF
PARANÁ (2005-2010)**

Fagner Guglielmi Pereira¹
fagnerguglielmipereira@gmail.com

RESUMO:

O objetivo deste artigo é desenvolver uma análise sobre as condições de trabalho e de vida dos operários frente ao processo de precarização do trabalho no Extremo Oeste Paranaense entre os anos de 2005 a 2010. Durante a primeira década de 2000 uma avalanche de matérias jornalísticas foi produzida para ratificar a importância da industrialização para os diversos setores sociais de Marechal Cândido Rondon-PR e região. Ao contrário do que se divulgou nos jornais, o trabalho precário nas fábricas incide diretamente no modo em que os trabalhadores vivem. Neste sentido, este trabalho busca compartilhar a experiência de vida e de trabalho de jovens operários, bem como problematizar a concepção dominante de “Progresso econômico” industrial.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalhadores; Trabalho precário; Industrialização

ABSTRACT:

The objective of this paper is to develop an analysis of conditions of work and life of the workers in the process of casualization of labor in the Far West of Paraná during the years 2005-2010. During the 2000s a flood of newspaper articles was produced to confirm the importance of industrialization for the different social sectors of Marechal Cândido Rondon-PR and region. Contrary to what was reported in the newspapers, precarious work in the factories directly affects the way in which workers live their lives. Thus, this article seeks to share the experience of labor and life of young workers, as well as discuss the dominant conception of industrial "economic progress".

KEYWORDS: Workers, Precarious work; Industrialization

¹Mestrando do programa de Pós-Graduação em História, Poder e Práticas Sociais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

BREVE CARACTERIZAÇÃO SOBRE O FORTALECIMENTO DA ATIVIDADE INDUSTRIAL (2005-2010)

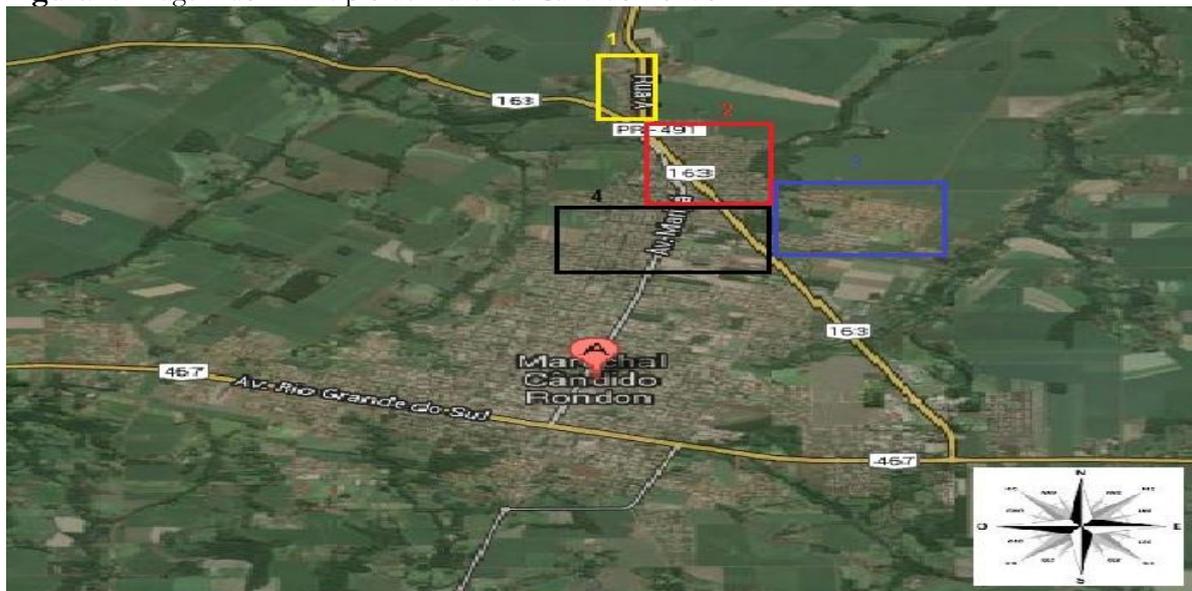
No extremo oeste paranaense, Marechal Cândido Rondon-PR é um município de 46.819 mil habitantes². Árvores recobrem as principais ruas e avenidas, casas suntuosas decoram a região central, bicicletas realizam um vaivém frenético nas ciclovias que ligam o centro aos bairros operários da cidade. Seguindo alguns poucos quilômetros, da região central, no fim de uma das principais avenidas da cidade, há pelo menos três indústrias do setor alimentício (Indústria do beneficiamento do leite FRIMESA; Indústria de biscoitos FAVILLE e Unidade Industrial de aves COPAGRIL). Referências incontestáveis da paisagem local, de onde provêm expectativas de emprego incrustadas de intensa rotatividade, absenteísmo e doenças ocupacionais nos operários que ali trabalham. Perda de condições de trabalho e de vida, perda de habilidades profissionais e saberes laborais parecem ser o resultado ascendente de intensificação, degradação e precarização do trabalho (BOSI, VARUSSA; 2006).

Do outro lado da cidade, seguindo a Avenida Maripá de encontro a PR 163, rumo ao estado do Mato Grosso do Sul (a noroeste da figura 1), encontram-se casas mais modestas, um número incomum de motocicletas e carros velhos, além da insuficiência de iluminação pública e pavimentação nas ruas. Bairros tais como, Botafogo, Higienópolis, Barcelona, Augusto I e II, Primavera³, acolhem operários como André, Aline, Ana e Leandro⁴, trabalhadores marcados pela dinâmica contraditória do processo de industrialização recente no Extremo Oeste Paranaense.

² www.cidades.ibge.gov.br Acesso no dia 20/12/2013.

³ Trabalho de campo 23-10-2010, quando fiz parte do Projeto Institucional de Bolsa e Incentivo à Docência – PIBID em História, sob orientação da Prof. Dr^a Aparecida Darc de Souza.

⁴ Utilizei pseudônimos para preservar a identidade dos trabalhadores.

Figura 1: Imagem do Município de Marechal Cândido Rondon-PR.**LEGENDA - bairros operários em Marechal Cândido Rondon-PR**

- | | |
|--|---|
| 1 - Bairro Barcelona | 3 - Bairro Primavera |
| 2 - Bairro Higienópolis | 4 - Bairros Botafogo, Augusto I e II |

FONTE: www.googlemaps.com.br organizado pelo autor.

Nestes bairros residem homens e mulheres que alimentam cotidianamente uma percepção negativa em relação ao trabalho executado na fábrica. As experiências compartilhadas e vividas por eles informam determinada condição de classe em contraste ao desenvolvimento econômico desta região.

Estes trabalhadores atribuem um sentido ao que fazem na vida que contrapõe os significados do trabalho construídos pela classe dominante da cidade. Eles constituíram diante das pressões e limitações de modos de vida, uma percepção comum de sua condição de classe frente ao processo de fortalecimento industrial. Estar do lado de lá da Avenida, não condiz com as expectativas de um progresso econômico anunciado pelos setores dominantes da cidade (GUGLIELMI; 2011). Cortar frangos, empilhar caixas de biscoitos ou transformar o leite em derivados industrializados são ocupações que raramente superam o salário mínimo quando se leva em consideração os descontos de alimentação, condução e contribuição sindical.

Durante os anos que compreendem 2005 a 2010 altíssimos índices de produtividade foram alcançados. Quando se trata da produção frigorífica centrada no abate de frango os dados são ainda mais impressionantes. Recentemente instalada em Marechal Cândido Rondon-PR (2005), a Unidade de Aves Copagril apresentou, nos últimos cinco anos da primeira década de 2000, elevados índices de produtividade. Para dar cabo da produção, atualmente cerca de 1.700 operários da Unidade Industrial de Aves Copagril compõem numerosa classe operária marcada

por ocupações precárias. Essas ocupações são desdobramentos de uma tendência de intensificação do trabalho nas indústrias alimentícias do Extremo Oeste Paranaense. Os dados abaixo parecem indicar este caminho.

Tabela 1:

Evolução das Atividades da Unidade Industrial de Aves COPAGRIL entre os anos 2005-2006			
	Ano de 2005	Ano de 2006	Evolução
Operários empregados	945	1150	21,69%
Abate Diário	85 mil	95 mil	5,88%
Aves Abatidas	7.6 mil toneladas	15.3 mil toneladas	101,32%
Total Produzido	16 mil toneladas	34.255 mil toneladas	114,09%
Total Exportado	1.3 mil toneladas	7.3 mil toneladas	500%

FONTE: Jornal O PRESENTE, Janeiro de 2006. Fonte organizada pelo autor.

Os números referente a exportação indicam o salto da produção voltado para o mercado exterior, onde a padronização dos cortes e do processo de industrialização da carne do frango são rigorosos.

Entretanto, os setores dominantes tem considerado positivo o aumento da produtividade no frigorífico. Entre 2005 a 2010, centenas de páginas jornalísticas foram escritas para destacar a importância desta atividade para o receituário e geração de emprego às cidades como Marechal Cândido Rondon-PR.

O projeto de ampliação da Unidade Industrial de Aves da Copagril, de Marechal Cândido Rondon, continua em andamento e a previsão é de que seja concluído entre meados de setembro a outubro desse ano. Quando finalizado, a projeção é que sejam abatidas 160 mil aves por dia, sendo que atualmente a média é de 105 mil/dia [...] A geração de emprego também estará em alta em 2008, destaca o diretor-presidente da cooperativa. Ele menciona que a projeção é de que esse ano sejam criadas 500 novas vagas da Unidade de Aves “mas isso é uma dificuldade, pois na verdade existe falta de mão de obra. Por isso sempre estamos contratando”, comenta. Como atualmente existem 1,3 mil funcionários na indústria, Chapla diz que até o final do ano, se tudo estiver dentro do cronograma, a unidade deve contar com 1,8 mil funcionários.⁵

O salto de produção foi desproporcional ao número de empregos gerados. O que, de certa forma, contraria a compreensão harmônica que os setores dominantes apregoam ao processo de geração de empregos. Segundo os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), o ano de 2008 terminou com 1.318 trabalhadores ocupados. Em seu término, o ano de 2010 registrou 1.711. Entre 2008 a 2010, o frigorífico teve um aumento de 393

⁵ O PRESENTE, 07 de fevereiro de 2008 “Ampliação deve gerar 500 novos empregos em 2008”

postos de trabalho⁶. O que corresponde 22,19% de crescimento dos empregos formais na Unidade de aves da Copagril. Em contrapartida, a produção, que passou de 105 para 160 mil frangos ao dia, evoluiu 34,38%. A partir disso, e de acordo com a tabela 1, verificou-se que o ritmo de produção tende a aumentar nos setores que transformam o frango em mercadoria para o mercado externo, exigindo padrões e cortes manuais em intenso ritmo de trabalho diário.

Sobre esse assunto é importante ressaltar que o crescimento de empregos formais em Marechal Cândido Rondon-PR é acompanhado por uma tendência nacional de intensificação e precarização do trabalho (BOSI, 2011, pág.111). A respeito da disposição de empregos formais ligados a indústria, Marechal Cândido Rondon-PR segue na contracorrente da tendência nacional, pois a região Oeste do Paraná tem registrado um crescimento favorável aos empregos formais em relação a média nacional (CARVALHAL, 2007, pág. 80). Neste sentido, o crescimento dos empregos formais é acompanhado pela intensificação e precarização do trabalho. Milhares de jovens trabalhadores organizam suas vidas em função do trabalho nestas fábricas. Deste ponto de vista, entendemos que o trabalho é central na organização social desses trabalhadores.

A partir disso é importante ressaltar que os trabalhadores e trabalhadoras desta região vivem a contradição social frente ao desenvolvimento econômico, especialmente dos setores agroindustriais. Condições físicas dos trabalhadores envolvidos no processo de fortalecimento industrial, “Acidentes” com as ferramentas de trabalho, esgotamento físico e limitação de se viver em sociedade são resultados desta dinâmica contraditória. Este crescimento da produção não foi celebrado ou comemorado pelos trabalhadores da linha das linhas de produção das fábricas alimentícias.

TRABALHADORES E A EXPERIÊNCIA OPERÁRIA: CONDIÇÕES DE VIDA E DE TRABALHO

André desde os treze anos de idade trabalhou duro. O trabalho sempre foi referência para entender a trajetória de sua vida. Na infância, seu pai tinha uma pequena oficina mecânica. Lá aprendeu a lidar com a mecânica de carros. André mexeu nos motores, nas fiações de carros velhos e motocicletas “comidas” pela ferrugem. Anos depois, quando o negócio não conseguiu mais garantir a sobrevivência da família, seu pai e irmãos foram trabalhar nas indústrias locais. André trabalhou em empregos informais, pizzaria, ajudante de pedreiro, de carpinteiro até empregar-se em um dos frigoríficos em Marechal Cândido Rondon.

⁶ Cadastro Geral de Empregados e Desempregados – CAGED. Acesso 20/12/2013.

A rotina operária de André não foi nada fácil. Adaptar-se ao ritmo fabril implicou na reorganização de sua vida em relação à condição operária. Ele acordava de madrugada para ir ao trabalho. Quando o relógio despertava as três horas da manhã, André se punha em pé para ir à fábrica. Antes das cinco horas assumia o posto na lida de afiação das facas.

Responsável em preparar o principal instrumento de trabalho, André chegava antes do início da produção. Muitas vezes foi obrigado a cumprir uma jornada de trabalho de nove horas ao dia para compensar as folgas no fim de semana. À contragosto, quando a produção aumentava, ele era mandado a vir nos fins de semana.

A maioria do pessoal hoje em dia quer um serviço que você possa trabalhar de segunda a sexta e descansar sábado e domingo, ficar com a família e tal, descansar. E daí tinha que trabalhar lá! O pessoal, nossa, ficava louco da vida. Tinha que trabalhar no Sábado até não era tanto, que eles até pagavam hora extra, mas domingo era complicado. Eu cheguei até um dia lá trabalhar, por exemplo, eu cheguei um dia lá que estava faltando, vamos supor, se eram quinhentas pessoas trabalhando naquele turno, tinha duzentos. Então em tudo quanto é lugar faltou. O pessoal ficava como se fosse louco, correndo, os chefes tudo, até nessas horas eles ajudavam a trabalhar um pouco, porque não tinha jeito de ficar parado. Fazia das tripas coração para conseguir girar e ter a saída.⁷ (Grifo meu)

O cenário retratado por André parece condizer com o cotidiano dos empregos formais nas fábricas de alimentos. Quando se analisa a tabela 1, no que tange a evolução da carne do frango manufaturada para a exportação, contrastada com a situação dos operários no interior da fábrica, destacado por André, a “falta de mão de obra” não é apenas um detalhe técnico como parece afirmar os representantes dos interesses industriais. Sobre este aspecto, as ocupações nas fábricas em Marechal Cândido Rondon-PR surgem da rejeição sistemática dos trabalhadores em função dos baixos salários, intensa rotatividade e pouca qualificação profissional (VARUSSA, 2006)

Trabalhar no sábado e domingo foi uma condição que André não estava disposto a assumir. Para trabalhadores como André, o fim de semana é “sagrado”. Quando o costume do descanso no fim de semana é ameaçado pela produção, trabalhadores iguais a ele também ameaçaram a produtividade. Deste ponto de vista, o tempo é um elemento de disputa e palco de conflito, tanto no interior da produção como na vida social dos operários.

Todo dia André chega exausto em casa. A fábrica suga-lhe às energias. Dentro da fábrica, não vê o momento de o relógio apontar às quinze e trinta para retornar para casa. Durante os

⁷ André, 24 anos. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Guilherme Dotti Grandó em 20 de março de 2011.

sete meses que André trabalhou no frigorífico “só pensava em dormir, porque “o tempo que você tinha livre, você tentava descansar o máximo né?”

Eu trabalhei no primeiro turno, que é das cinco e quinze da manhã até as três e meia da tarde. Você fica sempre assim. E as vezes para você dar uma descansada, a gente já tinha como dar uma descansada, mas o pessoal da mesa não tem como. O frango esta passando, se ele passar, se ele passasse a vez dele, porque era por cor, cada pessoa pegava uma cor, se a tua passar lá na frente o chefe vê, ele já vinha e te xingava.⁸

Durante as nove horas de trabalho, André sofreu pressão da produção, pois muitas vezes ele substituiu trabalhadores ausentes, especialmente na desossa do frango. A atenção sempre foi muito exigida de André. As facas precisavam ser bem afiadas para não atrapalhar a produção diária dos noventa mil frangos do seu turno de trabalho.

André era responsável por uma etapa muito importante no processo produtivo. Preparar a faca para o trabalho manual significa também garantir que este instrumento ajude na produção. Pois, quanto mais afiada a faca for menos dispêndio de esforço físico é realizado por seus companheiros na desossa da carne.

Aline também experimentou esta condição. Aline também acorda muito cedo. Ela garante boa parte da renda familiar. Aline reside com os pais, com quem divide as despesas da casa e é responsável pelo sustento de uma criança.

Trabalhadores como André e Aline, experimentaram intrincada relação de poder pela hierarquia produtiva. Na linha de produção tem o líder da linha. Trabalhador responsável pela padronização da produção e maximização do tempo, ele tem uma faixa no braço. Somente ele pode desligar e ligar a máquina. O líder da sessão tem duas faixas no braço, ele é responsável por acompanhar o líder da linha e avaliar o desempenho dos trabalhadores e tem o líder geral que tem três faixas no braço que é encarregado pelo andamento da produção em toda fábrica. Essa organização da produção é aplicada em dois turnos.

Tem o encarregado do líder da linha de produção que tem uma faixa no braço. Só ele pode desligar e ligar a máquina. Aquele que tem uma faixa no braço. Tem outro que manda nele que tem duas faixas no braço. E tem aquele que manda em tudo que tem três faixas no braço. Todos eles têm o relógio pra controlar.⁹

⁸ André, 24 anos. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Guilherme Dotti Grando em 20-03- 2011.

⁹ Aline, 27 anos. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Guilherme Dotti Grando em 06-02-2011.

Todos os chefes têm relógio¹⁰. O relógio dentro da fábrica é utilizado como símbolo de poder: “daí você não tem hora, a hora que acabar o frango você saí né? Você tem hora pra entrar, mas você não tem hora pra sair”¹¹. Deste ponto de vista, o poder simbólico, não é apenas uma representação “invisível o qual só pode ser exercido por cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que exercem” (BURDIEU, 1989; pág. 08). Na fábrica, quem detém o tempo da produção é o mesmo que detém o meio de produção. Deste ponto de vista, o controle do tempo é motivo de questionamentos e compõem uma série de relações conflituosas no interior fabril. André parece compreender os desdobramentos no cotidiano da vida operária na fábrica:

Então lá era uma coisa que você tinha que saber que àquela hora você tinha que estar lá. E você tem só aquela hora ou pode atrasar o seu almoço. A hora de entrar tem que ser certa, a hora de sair você já não tem certeza. Ai você vem em casa, pensar que você tem que vir, descansar, tentar descansar um pouquinho de cansado, de duro que você estava. E é repetitivo isso, repetitivo. Daí você em casa cansado, no outro dia você tinha que estar aquele horário lá. Se você não estivesse aquele horário lá você já perdia dinheiro, eles descontavam de você.¹²

Em outras palavras, a intensificação do trabalho incide sobre a vida de trabalhadores iguais a André de forma a maximizar o tempo produtivo em detrimento do tempo disponível às relações fora da fábrica.

André lembra de quando trabalhava de afiador de facas na Unidade Industrial de aves Copagril. Durante o turno, milhares de frangos enfileirados, passavam em frente a seu posto de trabalho diariamente. Na linha de produção, os frangos vinham um a um com cores alternadas. Cada grupo de trabalhadores fica encarregado de “vencer” os frangos de determinada cor, “Cada pessoa pegava uma cor. Se a tua passar lá na frente o chefe vê, ele já vinha e te xingava.” Não é incomum, trabalhadores como André, serem levados para a sala do chefe geral. Perda de sexta básica e auxílios financeiros são comuns nesta situação.

A condição experimentada por trabalhadores como André indica o significado concreto do aumento da produtividade no universo das relações de trabalho. A respeito disso, nota-se a tendência de intensificação do trabalho nas tarefas produtivas das empresas alimentícias. Em outros termos, a aceleração do ritmo implicou no aumento dos movimentos, atenção redobrada, redução da liberdade de movimentos do corpo e vigilância constante. Em “Degradação Anunciada do Trabalho Formal na Sadia, em Toledo-PR”, Fernando Mendonça Heck,

¹⁰ Aline, 27 anos. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Guilherme Dotti Grando em 06-02-2011.

¹¹ Ana, 28 anos. Entrevista realizada por Aparecida Darc de Souza e Fagner Guglielmi Pereira em 11-02-2011.

¹² André, 24 anos. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Guilherme Dotti Grando em 20-03-2011.

desenvolveu um estudo que confirma a situação de inúmeros operários de frigorífico de frango, em especial, o da Sadia de Toledo-PR. Segundo o autor, o trabalho nos frigoríficos assume uma dinâmica que desrespeita a legislação do trabalho e coloca em xeque a saúde do trabalhador. Sobre este aspecto, Heck ressalta que “há atividades na empresa que excedem duas vezes mais os limites considerados seguros” (HECK, 2013, pág. 109). O autor se refere aos movimentos repetitivos em pelo menos três atividades: “Refile de peito” com 75 movimentos por minuto com a mão direita e 80 movimentos por minuto com a mão esquerda; “desossa de coxa e sobrecoxa” com 46 movimentos por minuto tanto para a mão esquerda quanto para a mão direita; e 140 movimentos por minuto para os dois braços de um trabalhador da “evisceração”. Este parece ser o ritmo de trabalho de operários iguais a André. De acordo com os dados organizados por Fernando Mendonça Heck, é possível que trabalhadores como André, realizem na “desossa de coxa e sobrecoxa” 2.700 movimentos por hora o que totaliza 22.000 ações por jornada de trabalho. (HECK, 2013, pág.109).

Ao identificar as relações de trabalho altamente intensificadas dos operários, pôde-se perceber transformações técnicas nas empresas alimentícias nestes últimos anos. Foi possível verificar intensificação do trabalho nos setores onde predominavam o trabalho manual. Como é o caso do setor da “pendura” do frango.

O uso da tecnologia avançada no setor da “pendura” do frango na Unidade Industrial de Aves COPAGRIL, por exemplo, produziu aumento no ritmo de trabalho na linha de desossa da coxa do frango. Harry Bravermann em “Trabalho e capital monopolista” já avaliava a função social da máquina. Bravermann, em seu estudo sobre a qualificação profissional, indica que o avanço da tecnologia alargou ainda mais o estranhamento entre trabalhador e o domínio de seu trabalho. Sobre isto ele diz o seguinte: “quanto mais a ciência é incorporada no processo de trabalho, tanto menos o trabalhador compreende o processo; quanto mais um complicado produto intelectual se torne máquina, tanto menos controle e compreensão da máquina tem o trabalhador” (BRAVERMANN, 1977; p.360-379). Harry Bravermann entende a degradação do trabalho como um processo histórico de perdas de saberes e ocupações durante o século XX. Contudo, as ocupações nas empresas alimentícias já nascem degradado “com atividades na linha de produção de indústrias altamente mecanizadas” (VARUSSA, 2006, pag.148).

O emprego da máquina, incorporado ao capital orgânico das fábricas alimentícias, parece cumprir essencialmente o papel de regulador do trabalho na produção da mercadoria em detrimento do tempo de vida da força de trabalho ocupada. Neste sentido, a eficiência da exploração do trabalho é proporcional a capacidade de intensificação da produção.

A introdução de máquinas na “pendura” do frango proporcionou maior produção de carne de frango em menos tempo. Em tempos atrás, nesse setor, a “pendura” dos frangos era realizada manualmente. Esse trabalho atualmente é realizado pelas máquinas. No entanto, as máquinas penduram frangos entre 1.8 Kg à 3 Kg. A “pendura” dos frangos que ficam fora dessa média é realizada pelo trabalho manual.¹³ As implicações da combinação do trabalho manual com o trabalho desenvolvido pelas máquinas são evidentes. Para o setor de “pendura” do frango, a introdução da máquina para auxiliar o trabalho gerou intensificação no trabalho para os operários responsáveis pela pendura, pois precisavam acompanhar o ritmo das máquinas, e para os operários responsáveis pela desossa da coxa que acompanharam de perto a intensificação da produção.

A “pendura” realizada pelas máquinas correspondeu proporcionalmente à produção de mais coxas sendo enviadas para a sala de desossa em menos tempo. O trabalho de desossa da coxa é realizado manualmente pelos trabalhadores do setor de cortes. Por este trabalho ser executado com facas, não é incomum, devido ao ritmo da produção, acontecer cortes com estes instrumentos de trabalho.

Aline trabalhou dois anos no setor da desossa do frango. Setor temido pelos operários. É uma das ocupações mais rotativas dentro da fábrica. São oito horas de jornada de trabalho, às vezes nove, na mesma ocupação e com os mesmos movimentos. Doenças ocupacionais, dores nas articulações, nas costas e nos pés são desdobramentos da condição operária.

O ritmo de produção somado ao perigoso instrumento de trabalho, é comum acontecer acidentes de trabalho. Aline apontou alguns deles.

Nós estávamos de um lado da linha, ele estava lá no “DIF [Departamento de Inspeção Federal]” cortando, foi brincar com a gente e acabou se cortando. Outro tem. Isso daí tem bastante no controle de qualidade, eles tiram foto e tudo. A menina estava coçando o seio com a faca e não sentiu, cortou. Cortou o térmico, o agasalho que fica em baixo, o moletom e o sutiã. Deu um talho no peito. O outro estava coçando a nuca. Estava coçando, coçando a nuca e foi, deu um talho. Um pouco dos acidentes é. Sabe, são coisas bobas. O outro parece que estava coçando o nariz, tem uma foto lá. Metade do nariz foi pra fora com a faca. Agora pensa a cabeça das pessoas de se coçar com uma faca, e são chairada sabe, são afiadas. Se eu pudesse eu trazia as fotos, no controle de qualidade tem muitas fotos de acidentes. São acidentes bobos.¹⁴

Aline parece considerar os acidentes como “bobos” porque são corriqueiros de modo que, para ela, os acidentes não parecem ser incomuns durante a jornada de trabalho. Desta relação, deve-se destacar o controle e a racionalização dos movimentos, ao ponto que o menor

¹³ Ricardo, 26 anos em entrevista concedida em 10 de Fevereiro de 2011.

¹⁴ Aline, 27 anos, entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Guilherme Dotti Grando em 06 de fevereiro de 2011.

desvio da tarefa produtiva pode render um corte indesejado. Nesta condição, “quem tem o relógio tem o poder” afirma Aline. Repetidas vezes Aline atendia a pergunta “Aline que horas são?”. Ela avalia que não saber a hora despertava um sentimento de desespero nos operários.

O trabalho assume deste modo, uma dinâmica contraditória. Na medida em que ele é necessário para a sobrevivência destes trabalhadores, ele também é mutilador, deprimente, mal remunerado e insatisfatório.

Ao contrário do que é anunciada como “Progresso” pelos setores da classe dominante, a intensificação do trabalho vem esgotando a capacidade física de trabalhadores ao superexplorar jovens trabalhadores como André e Aline em função dos recordes de produtividade.

As implicações do modo de viver imprimido aos trabalhadores das indústrias de Marechal Cândido Rondon-PR têm inviabilizado sua participação em sociedade. Nesta lógica, se vive para o trabalho, não o oposto.

TRABALHO PRECÁRIO: UM PROBLEMA SOCIAL NO EXTREMO OESTE PARANAENSE

Ao analisar as dificuldades do operário viver socialmente, Antônio Bosi observou que o ritmo de vida de uma numerosa classe operário do Oeste do Paraná não deve ser dissociado do modo que os homens e mulheres da classe trabalhadora vivem e se organizam para o trabalho. No caso dos operários, as implicações do trabalho precário e intensificado podem ser dimensionadas a partir das limitações de vida dentro e fora do trabalho. Relações de trabalho despóticas cujos desdobramentos produzem problemas sociais para quem produz.

O descanso é realizado em horário inadequado para aqueles que se ocupam durante a noite ou de madrugada. Estes só podem dormir durante o dia, e isso é feito a duras penas, pois implica descansar durante o tempo em que a maioria das pessoas está desperta. Come-se fora do horário. Tudo isso afeta o metabolismo gástrico, reduz a capacidade de recuperação do desgaste físico e mental, e trás dificuldades adicionais no relacionamento familiar e pessoal. A organização da vida privada torna-se quase que impraticável, o que chega a comprometer atividades sociais. (BOSI, 2011; pág.111)

As reflexões de Antônio Bosi apontam para as implicações sociais do trabalho aos operários que trabalham durante a noite. Nas fábricas de beneficiamento de leite, os trabalhadores trabalham cinco dias na semana e folgam um, como é o caso da Indústria de beneficiamento do leite FRIMESA. Esta escala de serviços prejudica a organização social destes trabalhadores, porque o dia de sua folga é marcado de cinco em cinco dias de trabalho, folgando

um dia a cada cinco trabalhados. Em uma semana a folga cai na quinta-feira, na outra na quarta, na outra na terça e assim sequencialmente até atingir 45 dias trabalhados para usufruir um dia no fim de semana.

Esta condição do trabalho implica diretamente em sua organização social. Para Leandro, é muito difícil reunir familiares e amigos porque raramente suas folgas convergem com o tempo disponível deles.

A parte da indústria toda, trabalha em escala de folgas. Desde a recepção do leite, produção do queijo, manteiga, leite UHT, leite condensado, creme de leite. Trabalham cinco dias e folga um. Pra nunca parar né? Pra sempre terem os funcionários lá e produzir. Daí a gente sempre brinca né? Que vaca nunca para de dá leite né? Leite sempre chega e sempre tem que ter gente lá pra manipular [...] você ocupar o teu final de semana quando todo mundo tá em casa, você tá lá trabalhando se desgastando e na segunda-feira onde todo mundo tá trabalhando você tá em casa, você não poder ir visitar seus parentes, no fim de semana que tem bastante opção, piscina, praias artificiais. Você vai fazer o que na segunda feira? Você faz isso porque você tá precisando do dinheiro porque senão...¹⁵

Este ritmo de vida tem influenciado a relação dos trabalhadores com o mundo em que vive. O modo de se viver dentro desta lógica é imposto de maneira que haja certa condição de trabalho para os trabalhadores. Por isso ela é despótica¹⁶, porque ela já nasce degradada em um contexto histórico-social em que trabalhadores como Leandro não escolheram.

A cidade de São José das Palmeiras-PR, situada no Extremo Oeste Paranaense, de onde trabalhadores saem para percorrer 65 quilômetros até chegar às indústrias em Marechal Cândido Rondon-PR, é conhecida pelos operários como a “cidade que dorme”. Os trabalhadores dormem durante o dia para trabalhar à noite no frigorífico ou vice e versa. Entretanto, a situação geral dos trabalhadores das indústrias neste município tem se assemelhado a situação dos trabalhadores de São José das Palmeiras-PR. A condição estabelecida entre o ritmo de produção e de vida imposta àqueles que trabalham nessas fábricas não se separam. Mesmo porque essas relações compõem um modo de se viver no capitalismo.

Um conjunto significativo de trabalhadores adocece ano a ano no trabalho. O trabalho nas indústrias não lhes garante nenhuma possibilidade de estabilidade social. Há descontos em passagens e na alimentação. Somado a isto, a contradição entre aquilo que fazem e aquilo que gostariam de fazer empurram trabalhadores e trabalhadoras, como André, Aline e Leandro sempre para uma próxima tentativa. Muitas vezes trabalhadores como eles acabam retornando a

¹⁵Leandro, 25 anos, entrevista realizada por Aparecida Darc de Souza e Fagner Guglielmi Pereira em 28 de Novembro de 2009.

¹⁶*Idem* pág. 110.

estaca zero. Percorrem os trezentos e sessenta graus das possibilidades de emprego nesta região voltando à ocupação de onde partiram. Compõem, assim, uma classe trabalhadora jovem e rotativa.

As linhas de produção são compostas por fileiras de trabalhadores jovens, filhos e filhas de trabalhadores, cuja trajetória de vida é marcada pela frustração. Enxergar o trabalho nas fábricas como uma ocupação imediata é comum para a classe que trabalha nesta região. O trabalho não fornece possibilidade de haver conexão qualitativa na organização da vida dos operários. Estas ocupações impõem violentamente um modo de vida precário que é proporcional à condição precária de trabalho desta região. A partir da venda da força de trabalho, o trabalhador garante sua sobrevivência, mas, ao mesmo tempo, imerge numa condição de se viver exterior a ele próprio. Acordar de madrugada, apanhar o ônibus, deixar a família em casa, folgar em dias aleatórios, tudo isto afeta a organização social da classe que trabalha nesta região do país.

Por outro lado, estas experiências estão sendo compartilhadas pela classe trabalhadora. Trabalhar de operário nas empresas alimentícias é algo negativo, ao ponto que conseguir um emprego no frigorífico não é uma tarefa difícil. Socioeconomicamente este trabalho tem definido um status pejorativo para o universo social dos trabalhadores da região.

Paradoxalmente a “nova” classe operária não encontrou no trabalho industrial a garantia mínima de estabilidade e permanência no ambiente fabril. Jovens operários como André, Ana, Aline e Leandro parecem excluir a possibilidade de realizarem-se neste trabalho.

REFERENCIAS:

BOSI, A. P. **Precarização e Intensificação do trabalho no Brasil recente: ensaios sobre o mundo dos trabalhadores (1980-2000)**. Cascavel, Edunioeste, 2011, 130p.

BOSI, Antonio e VARUSSA, Rinaldo J.. “Trabalhadores e trabalho no Oeste do Paraná: trajetórias de pesquisa”, in: ALMEIDA, Paulo ET all. **História Poder e Práticas Sociais**. Cascavel: Edunioeste, 2006.

BOURDIEU, Pierre.. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Diefel, 1989.

BRAVERMANN, H..**Trabalho e Capital Monopolista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

CARVALHAL, M.D.. “O emprego em Marechal Cândido Rondon/PR na dinâmica geográfica do Capital”. In **Revista Pegada**. N.1, v. 18, Presente Prudente: UNESP, 2007, p.77-100

HECK, F. M. Degradação anunciada do trabalho formal na Sadia, em Toledo (PR). Presidente Prudente: UNESP, 2013. 217f. Dissertação de Mestrado.

MARX, Karl. **O Capital**. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. 3 Volumes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

VARUSSA, R.J. “Industrialização, trabalhadores e justiça do trabalho (década de 1990): algumas considerações”. In: **Tempo e Ciência**. Toledo: Edunioeste, 2006, Pág. 145-156.

Fontes Orais:

Ana, casada, 29 anos, dona de casa, amapaense, reside em Marechal Cândido Rondon-PR desde 2000. Trabalhou na Unidade Industrial de Aves COPAGRIL um ano e cinco meses. Entrevista realizada em 11 de fevereiro de 2011 na Rua Paraná do loteamento Florença em Marechal Cândido Rondon-PR.

Aline, casada, 26 anos, operária, nasceu em Marechal Cândido Rondon-PR. Trabalha no setor de Sistema de Inspeção Federal da Unidade Industrial de Aves COPAGRIL. Entrevista realizada em 06 de Março de 2011 na Avenida Maripá, bairro Botafogo em Marechal Cândido Rondon-PR.

André, solteiro, 25 anos, trabalhador autônomo, nasceu em Marechal Cândido Rondon-PR. Trabalhou de mecânico, pedreiro, ajudante de lavar carros, fábrica de móveis, e por sete meses trabalhou na Unidade de Aves COPAGRIL. Entrevista realizada em 20 de março de 2011 na rua Costa e Silva, centro, Marechal Cândido Rondon-PR.

Fernanda, solteira, 29 anos, desempregada, nasceu em Cascavel-PR, reside em Marechal Cândido Rondon-PR desde 2008. Trabalhou de garçonzete, auxiliar de cozinha, fábrica de Bolas KAGIVA e Unidade Industrial de Aves COPAGRIL. Trabalhou 45 dias na Unidade de Aves COPAGRIL. Entrevista realizada em 11 de fevereiro de 2011 na Rua Alecrim no bairro Higienópolis em Marechal Cândido Rondon-PR.

Leandro, solteiro, 25 anos, estudante universitário e operário, nasceu em Santa Helena-PR, trabalhou na roça, no frigorífico de aves da SADIA em Toledo-PR. Trabalha na Indústria de beneficiamento do leite FRIMESA. Entrevista realizada em 7 de dezembro de 2009 na Rua Paraíba, centro, Marechal Cândido Rondon-PR.